

Pessimismo toma conta da sociedade brasileira

GAZETA

18 JAN 1991
MERCANTIL

Carlos Rodolfo
Schneider *

Novamente o pessimismo vem tomando conta da sociedade brasileira. A figura da recessão volta ao centro das nossas preocupações. Mas por que o Brasil não consegue superar essa sequência de crises econômicas, por mais pródigo e criativo que seja em termos de pacotes e de planos econômicos?



Precisamos entender que essas crises são mera consequência, e continuarão aflorando enquanto não conseguirmos enfraquecer a verdadeira causa das nossas dificuldades, que é a falta de uma consciência social, consequência de uma profunda crise de valores. É o interesse particular prevalecendo excessiva e até vergonhosamente sobre o interesse geral.

Naturalmente o individualismo é uma característica do ser humano, e até necessária, na medida em que estimula o esforço de produzir, e com isso gera o progresso. Mas esse instinto de defender os próprios interesses passa a ser extremamente prejudicial aos interesses da coletividade quando extravasa os limites da decência.

Todos os países enfrentam o problema em maior ou menor grau. As sociedades que conseguem manter a questão dentro de limites razoáveis não enfrentam crises profundas, a não ser que provocadas por fatores externos, fora do seu controle.

Ou, em último caso, conseguem implementar um pacto social, onde todos os setores da sociedade assumem compromissos formais buscando fazer prevalecer o interesse coletivo.

No Brasil, a falta de escrúpulos de muitos empresários gananciosos (a título de exemplo, o cartel do cimento aumentou os seus preços em mais de 50% só no mês de outubro de 1990);

a irresponsabilidade de muitos sindicatos de trabalhadores, que, buscando benefícios incompatíveis com a realidade do País; ou até mesmo por motivos políticos, não se acanham em promover greves que prejudicam amplos segmentos da sociedade; o fisiologismo do Poder Legislativo, que, encastelado em redoma, busca proteger-se das dificuldades a que está sujeito o cidadão comum, legislando em causa própria e cercado de salários e benesses revoltantes; o corporativismo do funcionalismo público que transformou a máquina estatal em instrumento para atender acima de tudo aos seus interesses — o funcionário público deixou de servir o público, que é a razão de ser do seu cargo, para servir-se dele; a ineficácia na alocação de recursos às reais prioridades do País, pelos poderes Executivo e Legislativo, movidos por interesses particulares, locais ou regionais, financeiros ou eleitoreiros; o desestímulo do cidadão comum, do contribuinte, diante de todos esses exemplos negativos, de continuar a dar a sua imprescindível cota de sacrifício ao esforço de reconstrução.

Essa é a nossa verdadeira crise. Por mais que o governo busque uma solução, impondo diferentes contribuições compulsórias aos diversos segmentos da sociedade, os resultados serão no mínimo incertos e com certeza mais demorados, caros e não definitivos, enquanto não houver a boa vontade, a contribuição espontânea da grande maioria da população. E esse processo só será desencadeado se os grandes formadores de opinião, que são especialmente os poderes públicos constituídos e os veículos de comunicação, efetivamente desenvolverem um esforço amplo e conjunto, buscando restaurar valores sadios e condenar os comportamentos escusos, hoje infelizmente institucionalizados.

* Diretor vice-presidente da Cia. Indl. H. Carlos Schneider